

Alargando a tenda: um contributo europeu

Relatório do Encontro Internacional sobre a sinodalidade europeia, que teve lugar na Luxembourg School of Religion & Society, de 15 a 17 de janeiro de 2023.

Introdução

O nosso encontro de especialistas e praticantes europeus do sínodo teve lugar entre a elaboração do Documento para a Etapa Continental (“Alarga o Espaço da Tua Tenda [Is 54,2]”) em Frascati, em outubro de 2022, e a assembleia eclesial europeia em Praga, em fevereiro de 2023. Tinha por objetivo refletir sobre o primeiro como um contributo para o segundo, reunindo a sabedoria recolhida em mais de 50 processos sinodais nas dioceses e nações da Igreja Católica Romana na Europa nos últimos dez anos.

Queríamos aprender o que o Espírito tem feito em processos sinodais no nosso continente, para examinar o que permitiu e impediu as transformações que estes processos produziram, de modo a sublinhar algumas formas através das quais a conversão sinodal pode ser promovida no seio da Igreja Católica Romana. Fizemo-lo em espírito de humildade, conscientes de que um encontro de dois dias não poderia oferecer nada próximo de um tratamento exaustivo do tema, mas confiantes de que estas intuições poderão ser úteis para as Igrejas locais que procuram avançar neste caminho.

Embora não tenhamos começado com um exame específico dos sinais dos tempos, os presentes estavam conscientes de dois fatores determinantes no contexto do sínodo sobre a sinodalidade. O primeiro é uma consciência de que a rápida mudança social e cultural exige que, como tantas vezes na história da Igreja, o eterno novo vinho de Jesus Cristo chame odres novos para que o Evangelho seja proclamado no nosso tempo e lugar. Os que seguem Cristo são chamados a decifrar a presença e a ação de Deus no mundo em realidades de fé, esperança e amor, e a missão da Igreja é de ajudar as pessoas a fazer o mesmo. A sinodalidade, abraçada com fé e paciência, tem o potencial de deixar o Espírito Santo iluminar o Povo de Deus a respeito das novas estruturas e mentalidades que esta missão exige. O segundo é uma consciência da disfunção e do fracasso institucional em muitas dimensões que exige uma abertura humilde à conversão e à mudança.

Os 47 participantes de toda a Europa encontraram-se numa atmosfera orante e fraterna – entre irmãs e irmãos –, como iguais, e com uma abertura à experiência e reflexão uns dos outros. Usamos métodos sinodais de conversação espiritual e trabalhamos em inglês e em francês.

O que segue é um breve sumário de algumas das intuições e frutos do nosso encontro.

1. Transformações positivas

O ponto de partida para este encontro foram experiências, não teorias, da sinodalidade. Ouvimos falar de muitas transformações, na sua maioria de ordem interior ou discreta, que nos inspira com esperança e expectativa para o futuro. Entre estas, conta-se o facto de as pessoas se sentirem reconhecidas por terem sido ouvidas, o que, por sua vez, produziu uma consciência de que serem sujeitos ativos e protagonistas na Igreja, corresponsáveis pela sua missão. As experiências sinodais permitiram que muitos tivessem uma experiência direta de uma Igreja mais fraterna, diversificada e colaborativa, mais missionária e mais comprometida com as necessidades e os sonhos da nossa era.

Também ouvimos falar da alegria e da consolação de passar da discussão e debate ao discernimento espiritual, e tivemos a sensação de que o Espírito está realmente em ação através do instinto de fé das pessoas comuns.

Finalmente, ouvimos muitos testemunhos de um forte aumento de energia e esperança na Igreja, uma sensação de que novos horizontes e possibilidades se estão a abrir através da

sinodalidade. Estamos gratos por estas transformações e pelos sinais de que o Espírito está em ação através delas.

2. Boas práticas

Agradecemos também as boas práticas e atitudes (*manières d'être*) que facilitaram estas transformações.

No âmago destas está a prática da conversação espiritual com os seus vários elementos: oração, silêncio, facilitação para assegurar uma escuta estruturada e disciplinada, participação igualitária, e assim por diante. As reuniões presenciais em pequenos grupos foram consideradas especialmente importantes, permitindo às pessoas partilhar experiências concretas em vez de visões abstratas ou opiniões gerais, numa atmosfera que lhes permite ouvir o que o Espírito possa estar a dizer através dessas experiências.

Foram sublinhadas atitudes e abordagens úteis: celebrar a diversidade e estar disponível para ouvir vozes externas ou desafiadoras; atravessar na confiança as nossas tensões e discordâncias sem procurar resolvê-las, mas permitindo que nos ajudem a crescer (fazê-las frutificar para nos fazer crescer). Ouvimos falar da importância da paciência, da confiança e de expectativas realistas, e de uma atitude de humildade, abertura e discernimento.

Outros dois pontos foram sublinhados. Um relativo à importância da formação nestes processos, permitindo que as pessoas compreendam o estilo e o propósito dos processos sinodais e a razão de ser destes métodos antigos.

O segundo refere-se à importância vital de a sinodalidade se aprender fazendo-se a experiência dela: aqueles que participaram são transformados pela experiência, e perdem o seu receio dela. Fundamental para o desenvolvimento da sinodalidade na Igreja Católica Romana é a reflexão sobre essa experiência, aprendendo sempre formas de desenvolver e adaptar os métodos ao contexto.

3. Obstáculos

Também discutimos os obstáculos e as mentalidades que dificultam. Os processos sinodais são por vezes reduzidos a um foco em questões estruturais e funcionais, com pouca oração e pouca abertura ao que o Espírito possa estar a suscitar. Em contrapartida, existe também o risco de os processos sinodais não se traduzirem em mudanças estruturais onde estas são necessárias.

Ouvimos ainda que muitas vezes há falta de convicção ou apoio aos processos sinodais por parte de quem tem autoridade e, em alguns casos, resistência ativa, o que faz com que as pessoas se mantenham à distância. Noutros casos, a sinodalidade é confundida com a mera partilha de opiniões.

Igualmente dificultador é o derrotismo e o ceticismo, frequentemente enraizados no medo da mudança, no apego a certos hábitos, no desejo de se refugiar no passado e no medo das pessoas de fora. Paradoxalmente, talvez, ouvimos falar de uma polarização mais forte em resposta ao sínodo, mesmo quando dentro dele havia maior fraternidade e comunhão.

Ouvimos falar dos perigos de ouvir apenas as vozes familiares. A autoexclusão, ou exclusão por outros, enfraquece a sinodalidade. Embora a expressão de emoções fortes faça parte da partilha honesta, permanecer agarrado a elas pode ser problemático. Outras mentalidades dificultadoras são uma impaciência com a lentidão dos processos sinodais, um foco em resultados específicos (e desilusão quando estes não acontecem), bem como uma atitude rígida (imobilismo).

4. Recomendações

Finalmente, consideramos os passos ou ações concretas que poderiam agora ser tomadas para facilitar a conversão sinodal da Igreja Católica Romana a todos os níveis.

Conscientes de que o desafio fundamental para a Igreja Católica Romana na Europa é a distância entre a Igreja institucional e o povo, assim como entre vários grupos na Igreja (*DCS*

22-27), propomos que haja um foco no desenvolvimento de plataformas de encontro: espaços sinodais onde as experiências das pessoas sejam levadas a sério e que permitam a escuta mútua e o crescer juntos em comunhão. Por meio do diálogo interno, assim como pelo diálogo ecuménico e mesmo o diálogo com todas as pessoas de boa vontade, a Igreja Católica Romana pode melhor compreender a revelação de Deus (cf. *Gaudium et Spes* 44). Isto ajudar-nos-á a melhor proclamar o Evangelho na linguagem das pessoas do nosso tempo, como no Pentecostes.

Isto exige a introdução de hábitos sinodais a todos os níveis da Igreja Católica Romana: paróquia, diocese, conferência episcopal, região, etc. Mas isto depende também de que todos na Igreja vejam onde podem imediatamente introduzir a conversação espiritual nas atividades diárias do seu grupo, movimento, caridade, projeto ou outros tipos de iniciativa. Por este meio, damos corpo à verdade teológica de que a Igreja é Povo de Deus.

Esta conversão sinodal de base exige também uma melhor partilha de práticas, instrumentos e intuições entre as redes da Igreja e um compromisso genuíno na formação de bispos, padres, religiosas e religiosos, e leigas e leigos. Tal não pode ser feito sem uma liderança que facilite o processo de discernimento e leve a sério o seu resultado. Além disso, supõe uma consciência e uma reflexão sobre onde está o poder e como este é exercido.

Finalmente, é vital que as pessoas vejam que os processos sinodais conduzem a mudanças concretas e que podem, por isso, ser confiados.

Conclusão

Saímos do encontro consolados pelo espírito sinodal de uma Igreja “a caminho” que experienciamos nestes dias e com o compromisso renovado de ajudar a concretizá-lo. Confiamos que estas breves reflexões e intuições contribuam para o trabalho vital em Praga e para a fecundidade do sínodo sobre a sinodalidade.

Preparado pela comissão de redação: Austen Ivereigh, Philippe Berrached, Alphonse Borras, Arnaud Join-Lambert, Jos Moons, Björn Szymanowski.

Comissão organizadora do encontro: Aldegonde Brenninkmeijer, Jean Ehret, Hans Geybels, Arnaud Join-Lambert, Jos Moons.

Os presentes incluíam, entre outros: Markus Adolphs (Alemanha), Avril Baigent (Reino Unido), Philippe Berrached (Bélgica/França), Vincent Billot (Luxemburgo), Alphonse Borras (Bélgica), Aldegonde Brenninkmeijer (Bélgica), Camino Cañón Loyes (Espanha), Rachel Chlela (Bélgica/Líbano), Carine Devogelaere (Bélgica), Jean Ehret (Luxemburgo), Marie Anne Florin (França), Joseph Galea-Curmi (Malta), Hans Geybels (Bélgica), Konrad Glombik (Polónia), Pedro Gomes (Bélgica/Portugal), Judith Gruber (Bélgica/Áustria), Tomáš Halík (República Checa), Christian Heckmann (Alemanha), Austen Ivereigh (Reino Unido), Marcin Jęwdokimow (Polónia), Arnaud Join-Lambert (Bélgica), Igna Kramp (Alemanha), Michael Kuhn (Bélgica), Laetitia van der Lans (Países Baixos), Annemarie C. Mayer (Alemanha), Isabelle Morel (França), Jos Moons (Bélgica/Países Baixos), Ikenna P. Okpaleke (Bélgica/Nigéria), Julian Paparella (Itália/Canadá), Marco Piovesan (Itália), Lucio Adrián Ruiz (Vaticano), Jochen Sautermeister (Alemanha), Renée Schmit (Luxemburgo), Matthias Sellmann (Alemanha), Björn Szymanowski (Alemanha), Gabriele Tornambe (Itália), Christophe Wermeille (Suíça).